Caro aluno,

Leia o trecho selecionado de “Diálogos das grandezas do Brasil”.

A partir dos textos 5 a 8 e das discussões em aula, discuta o trecho da crônica. Procure estabelecer convergências e discrepâncias entre a fonte e a historiografia. Comente e fundamente cada ponto por você apontado.

O trabalho deve ser entregue em PDF, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5. Margens: 3cm esquerda e superior, 2cm direita e inferior. Não serão corrigidos documentos em Word ou em outros arquivos.

Não deve ultrapassar 8.000 caracteres ou duas páginas (A4).

Não fazer citações de mais de uma frase de autores.

Não listar bibliografia ou fazer nota de rodapé ou reproduzir títulos de livros. Apenas mencione o autor, ano da obra e a página. Exemplo: (SCHWARTZ, 1988, p.40).

Cuide para que o texto esteja claro e de fácil leitura, com ortografia, gramática e sintaxe razoáveis.

Pontuação: pôr ponto a não mais de três linhas.

Prolixidade: procure escrever frases simples.

Vocabulário: usar apenas palavras que conhece e cujo uso domina.

Conjunções: tentar não repetir a mesma, mas também evitar ser pedante ou demasiadamente rebuscado.

A entrega deve ser feita até dia:

Vespertino: 11/04/2015 às 19h30 na plataforma Moodle USP do Stoa.

Noturno: 12/04/2015 às 14h00 na plataforma Moodle USP do Stoa.

Boa prova.

*Diálogos das grandezas do Brasil* foi escrito por Ambrósio Fernandes Brandão, mercador, rendeiro de impostos e senhor de engenho nas capitanias de Pernambuco e da Paraíba. Escritos no início do século XVII, a coleção de seis diálogos se dá entre as personagens Brandonio e Alviano, sendo o primeiro povoador desde 1583 e o segundo uma representação simbólica de um reinol que chegou há pouco no Brasil e surpreendeu-se pela ausência de comodidades. Desta forma, a conversa entre eles se desenvolve a partir das questões postas por Alviano e esclarecidas por Brandonio, que tem um conhecimento sobre diversas áreas da colônia nos aspectos naturais, econômicos e culturais.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

ABREU, Capistrano de. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Salvador: Progresso, 1956. Edição digitalizada proveniente da Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1736>

**DIÁLOGO TERCEIRO – trechos selecionados da página 34 a 40.**

**Brandonio**: Por não ser notado de negligente há já pedaço que vos espero, gozando desta viração que corre aqui da parte do mar assás frêsca.

**Alviano**: A importunação de uma visita me fêz cair na falta de haver tardado; mas contudo as horas são apropriadas para darmos principio à nossa prática, que é o havermos de tratar da riqueza, fertilidade e abundância dêste Brasil, e assim vos peço me digais destas cousas as que souberdes, porque me tendes disposto para vos ouvir com atenção.

**Brandonio**: São tão grandes as riquezas dêste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade abundância, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois tôdas elas são de muita consideração, farei uma salada na melhor forma que souber, para que fiquem claras e dêm gôsto. Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis cousas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercância, a terceira ao páu a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e última a criação de gados. De tôdas estas cousas o principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares.

**Alviano**: Não deve de ser de muita consideração a riqueza que consiste sòmente de fazer açúcares, pois vemos que da nossa Índia Oriental se enriquecem seus mercadores de tantas e diversas cousas, como são grande quantidade de drogas prestantíssimas, roupas muito finas, ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis, e topásios, almiscar, ambar, sedas, anil e outras mercadorias, de que as náus vêm de lá todos os anos colmadas para a Espanha.

**Brandonio**: Verdade é que tôdas essas cousas e outras mais se trazem dessas partes; mas contudo me esforço a provar que, com se não tirar do Brasil senão sòmente açúcares, é mais rico e dá mais rendimento para a fazenda de Sua Magestade de que são tôdas essas Índias Orientais.

**Alviano**: A muito vos arrojais, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em prática, pois o poder-se provar está tão longe, como a terra dos céus, e assim vos peço não queirais que vos ouça ninguém semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridiculosa.

**Brandonio**: Não me sei desdizer do que tenho dito com tôdas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino diante dos senhores governadores no ano de 97; porque vós não me haveis de negar que todos os anos vão do Reino para a Índia três, quatro e algumas vêzes cinco náus, que dela tornam carregadas de mercadorias.

**Alviano**: Assim passa.

**Brandonio**: Também não duvidareis que cada uma destas náus faz de despêsa à fazenda de Sua magestade até posta à vela, feita de novo, ao redor de quarenta mil cruzados.

**Alviano**: Nem isso nego.

**Brandonio**: E da mesma maneira que manda nelas em cada ano Sua Magestade, de cabedal em reales de oito e de quatro para se haver de comprar a pimenta na Índia, ao redor de duzentos mil cruzados.

**Alviano**: E muitas vêzes mais.

**Brandonio**: E outrossim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam para ir à Índia, e de moradia a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande quantidade de dinheiro.

**Alviano**: Não há dúvida nisso.

**Brandonio**: Também deveis de saber que cada náu dessas, depois de vir da Índia a salvamento, carregada de fazendas, importa a Sua Magestade, afóra a pimenta que trás, de quarenta e cinco para cinquenta contos dereis e por tantos se arrendam publicamente a pessoas que as tomam por contrato, e dêste dinheiro se abate ainda muito, de que Sua Magestade se não aproveita, em descontos que se fazem na casa da Índia, e isto com muitas vêzes não chegarem a salvamento ao Reino mais de uma ou duas náus.

**Alviano**: Dêsse modo passa; mas além dêsse dinheiro, por que Sua Magestade manda arrendar cada uma dessas náus, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas náus para sua fazenda, que devem de importar em grande pedaço.

**Brandonio**: Os fretes de cada náu não importam à fazenda de Sua Magestade mais que ao redor de três contos de réis, e em tantos os arrendou um amigo meu no ano de seiscentos e um, e dêstes três contos se fazem tanto descontos de lugares que o Viso rei dá na Índia a particulares, que quase se vem a consumir tudo nisso e noutras cousas, donde sucede vir Sua Magestade a embolsar mui pouco dinheiro dêstes fretes.

**Alviano**: Pois como é possível que umas náus de tão grande porte dêm tão pouco de frete?

**Brandonio**: É disso causa os muitos lugares que Sua Magestade nelas dá, porque o capitão tela sua câmara, despensa e outros lugares que sempre para os tais estão deputados, e da mesma maneira o piloto, mestre, contra-mestre, guardião, marinheiro, que todos têm lugares assinalados, de modo que até o menino grumete e pagem não carecem dêle, em forma que nos lugares, que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por Sua Magestade, se ocupa tôda a praça, onde se podia meter fazenda nas náus que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que delas tem sua fazenda.

**Alviano**: Estou já bem nessa causa, mas não nessa longa computação que ides fazendo.

**Brandonio**: Faço-a para provar minha tenção que o Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de Sua Magestade, que tôda a Índia; porque não me haveis de negar que para as náus, que dela vêm, virem carregadas de fazendas que trazem, se desentranha todo êsse Oriente com se ajuntar a pimenta do Malabar, a canela de Ceilão, cravo de Maluco, massa e nós moscada da Banda, almiscre, benjoim, porcelana e sedas da China, roupas e anil de Cambaia e Bengala, pedraria do Balaguate e Bisnaga e Ceilão; por maneira que necessário que se ajuntem tôdas estas cousas de tôdas estas partes para as náus que vêm para o Reino poderem vir carregadas, e se se não ajuntassem não viriam.

**Alviano**: Isso é cousa clara que todos sabem.

**Brandonio**: Pois o Brasil, e não todo êle, senão três capitanias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a da Paraíba, que ocupam pouco mais ou menos; no que delas está povoado, cinquenta ou sessenta léguas de costa, as quais habitam seus moradores, com se não alargarem para o sertão dez léguas, e sòmente neste espaço de terra, sem adjutorio de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portugueses das entranhas dela, à custa de seu trabalho e indústria, tanto açúcar que basta para carregar, todos os anos, cento e trinta ou cento e quarenta náus, de que muitas delas são de grandíssimo porte, sem Sua Magestade gastar de sua fazenda para a fábrica e sustentação de tudo isto um só vintém, a qual carga de açúcares se leva ao Reino e se mete nas alfândegas dêle, onde pagam os direitos devidos a Sua Magestade, e se esta carga que estas náus levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da Índia, não bastariam 20 semelhantes a elas para a poderem alojar.

**Alviano**: Pôsto que não posso negar o passar isso dêsse modo, todavia é de muito menos importância, para a fazenda de Sua Magestade, o direito que se lhe paga dos açúcares de aquele que arrecada das fazendas e drogas que vêm da Índia.

**Brandonio**: Enganai-vos, porque nestas náus que carregam nas três capitanias da parte do Norte que tenho dito, sem tratar das demais do Sul, devem de ir passando de quinhentas mil arrobas de açúcares, dos quais quero que sejam cem mil arrobas de açúcar, a que chamam panelas. Todos êstes açúcares pagam de direito na alfândega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cinquenta réis a arroba, e as panelas a cento e cinquenta réis a arroba, isto afora o consulado, de que feita a soma vem a importar à fazenda de Sua Magestade mais de trezentos mil cruzados, sem êle gastar nem despender na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dízimos, que se colhem na própria terra, basta para sua sustentação. Ora, fazei a êste respeito computação do que lhe rendem as mais capitanias do Sul, nas quais entra a Bahia de Todos os Santos, cabeça de todo êste Estado, e depois desta feita formai uma conta de deve e há de haver como de mercador, e de uma parte pondo o que Sua Magestade gasta em cada um ano com as náus que manda à Índia, soldos da gente de guerra e marítima, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda para a compra de pimenta, e de outra parte o que ela lhe rende, e juntamente o prêço por que arrenda os direitos das náus que de lá vêm, e notar bem o que houver de avanço para o igualardes com o rendimento que colhe do Brasil das três capitanias referidas tão sòmente, e vereis conquanto excesso sobrepuja ao da Índia, e assim não hei mister mais prova para corroborar minha verdade.

**Alviano**: Parece muito êsse rendimento, que quereis aplicar ao Brasil, porque nem todos os açúcares pagam êsse direito por em cheio, pois sabemos que muitos não pagam nenhum, por gozarem da liberdade que Sua Magestade tem concedido às pessoas que novamente fazem engenhos.
**Brandonio**: Assim passa; mas essa liberdade, que Sua Magestade concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez anos, e passados êles perece, e pôsto que contudo sempre pagam menos direitos os senhores de engenhos e lavradores que carregam seus açúcares Por sua conta, são poucos os que fazem. E não vai a dizer nisso cousa de consideração, e para semelhante quebra deixei de contar de indústria na soma que acima fiz o rendimento do páu Brasil, que se leva dêste Estado das mesmas três capitanias para o Reino, que importa mais de quarenta mil cruzados por ano, que os ministros de Sua Magestade cobram no Reino dos contratadores dêle, e assim o rendimento das alfândegas do Estado, direitos que se pagam dos algodões e madeiras nas alfândegas do Reino, que importam em grandíssimo pedaço, descompensada uma cousa de outra achareis que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

**Alviano**: Em verdade que tão persuadido estava em cuidar o contrário disso que tendes provado e mostrado claramente que ainda agora me está titubiando o entendimento por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas contudo o que eu sei é que tenho visto em Portugal muitas casas grandíssimas e homens de muita renda grangeada e adquirida com dinheiro, que adquiriram e ganharam na Índia, e não acho nenhum, e, se alguns, são poucos que tenham lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levassem do Brasil.

**Brandonio**: Isso é maior indício de sua riqueza, porque os homens da Índia, quando de lá vêm para o Reino trazem consigo tôda quanta fazenda tinham, porque não há nenhum que tenha lá bens de raiz e se os têm são de pouca consideração; e como todo o seu cabedal está empregado em cousas manuais embarcam-nas consigo, e do prêço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas; mas os moradores do Brasil tôda a sua fazenda têm metida em bens de raiz, não é possível serem levados para o Reino, e quando algum para lá vai os deixa na própria terra, e dêsses deveis de conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possível deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brasil pelo grande rendimento que colhem dela. E, para concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que têm a cinquenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazenda, e na Índia muitos Poucos dêstes, e, se os que vivem no Brasil, fossem mais curiosos, de maiores cousas poderiam lançar mão para se fazerem ricos e Sua Magestade colher mais rendimento dêle.

[...]

**Alviano**: Dizeis bem, que é êrro querer emendar o mundo as que têm tão pequena parte nêle, como cada um de nós, e assim tornemos à nossa prática que, se me não lembra mal, deve ser sôbre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes afirmado ser a lavoura dos açúcares.

**Brandonio**: Assim passa, porque o açúcar é a principal cousa com que todo êste Brasil se enobrece e faz rico, e na lavra dêle se tem guardado até o presente esta ordem: os capitães-mores, que são sesmeiros por Sua Magestade, cada um na capitania de sua jurisdição, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um dêles aquela quantidade a que as suas fôrças e possibilidades são bastantes a grangear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando elas são capazes para se fabricarem nela engenhos de fazer açúcares, os fabricam, tendo cabedal para o poderem fazer, e quando lhes falta, as vendem a pessoas que os possam fabricar por ser necessário muitas fôrças e cabedal para os haverem de pôr em perfeição, porque um engenho dos de água, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches que moem com bois, fazem de despêsa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados pouco mais ou menos.

**Alviano**: Parece-me que quereis dizer que há mais modos de engenhos para fazer açúcares que os de água e trapiches que moem com bois.

**Brandonio**: Isso quero dizer; porque os de água se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques para reprêsa dela, para assim poderem moer com mais fôrça d’água, e nestes tais engenhos, depois de a cana de açúcar moida entre dois grandes eixos que fazem mover uma roda, em que fere a água com fôrça, se expreme o bagaço que dali sái debaixo de uns grandes páus, a que chamam gangorras, que fazem apertar com fôrça de bois, onde larga e lança de si o tal bagaço todo o sumo que a cana tinha, o qual se ajunta em um tanque, e dali o lançam em grandes caldeiras de cobre, onde se limpa, coze e apura à fôrça de fôgo, que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sôbre que estão assentadas, sendo necessário para este açúcar se limpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada que se faz de cinza. E outros engenhos se fazem sem água, e êstes são os trapiches, que disse, os quais moem a cana por uma invenção de rodas que alevantam para o efeito tirada de bois e no mais de fazer o açúcar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se há introduzido uma nova invenção de moenda, a que chamam palitos, para a qual convém menos fábrica, e também se ajudam para moenda dêles de água e de bois, e tem-se esta invenção por tão boa que tenho para mim, que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e sòmente se servirão desta nova traça.

**Alviano**: Tôda cousa que se faz com menos trabalho e despêsa se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos palitos se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar dêles; mas folgarei de saber a ordem que há para se fazer um pão de açúcar tão alvo e formoso como se leva a Portugal e aqui o vimos.

**Brandonio**: A ordem é esta: depois do açúcar limpo e melado nas caldeiras, se passa umas tachas também de cobre, aonde à fôrça de fôgo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coalhar e criar corpo, e dali se lança em umas formas de barro, dentro nas quais se encorpora e endurece, e depois de estar frio o levam a uma casa multo grande, que só para êsse efeito se prepara, a que dão o nome de casa de purgar e, nela sobre taboado que está furado se assentam as tais formas, com lhes abrirem um buraco que tem por baixo, por onde vão purgando o mel sôbre correntes do mesmo taboado, que para o efeito lhe põem por baixo, e o mel que por essa maneira vai caindo das formas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz depois o retame, e ainda outro modo de açúcares, e que chamam batidos e como as formas estão despedidas de todo o mel lhe lançam em cima birro desfeito e água, o qual é bastante para dar ao açúcar a brancura que nêle vemos.

**Alviano**: E como é possível que o barro, que, por razão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é para mim um segrêdo dificultoso de entender.

**Brandonio**: Nem o entenderam muitos anos os primeiros que lavraram açúcares, porque do modo que primeiramente o faziam dêsse o gastavam, até que uma galinha aclarou êste segrêdo, a qual acaso voando com os pés cheios de barro úmido, se pôs sôbre uma forma cheia de açúcar, e naquela parte onde ficou estampada a pegada se fêz tudo o circuito branco, donde se veio a entender o segrêdo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso.

**Alviano**: Não foi má mestra a galinha para mostrar por êsse modo a cura da negridão do açúcar, pois há tanta diferença na valia do alvo ao negro, e assim, se a engenho fizer muita quantidade do bom não deixará de dar proveito ao senhor dêle.

**Brandonio**: Nos engenhos de fazer açúcares há muita diferença dos bons aos maus; porque aqueles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons, as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte para a moenda e lenha em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade, e quando os tais engenhos são desta qualidade não lhe faltando, como tenho dito, a fábrica necessária, costumam a fazer em cada ano a seis, sete, oito e ainda a dez mil arrobas de açúcar macho, e fora os meles, que são retames e batidos, que sempre chegam ao redor de três mil arrobas; quando se sabe aproveitar êste açúcar, costuma a ser um muito bom e outro somenos, e algum sumamente máu, segundo os mestres que a fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menor porte costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda a três mil arrobas de açúcar, e os tais são de pouco proveito para seu dono.

**Alviano**: E que fábrica é necessário que tenha um dêsses engenhos que costumam fazer muito açúcar?
**Brandonio**: É necessário que tenha 50 peças de escravos de serviço bons, 15 ou 20 juntas de bois com seus carros necessários aparelhados, cobres bastantes e bem concertados, oficiais bons, muita lenha, formaria, grande quantidade de dinheiro, além de serem muito liberais em darem a particulares dádivas de muita importância. E eu vi já afirmar a homens mui experimentados na corte de Madrid que se não traja melhor nela do que se trajam no Brasil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados e mercadores. E para prova disto quero dar sòmente uma assás bastante, a qual é que na capitania de Pernambuco há uma casa de misericórdia, a qual faz de despêsa em cada ano na obrigação dela treze e quatorze mil cruzados pouco mais ou menos; êstes são todos dados de esmolas pelos moradores da mesma capitania, com não ter a casa de renda cousa que seja de consideração, e é tanto isto assim que os provedores, que sucedem para serviço dela em cada um ano, gastam de sua bolsa mais de três mil cruzados, e as demais capitanias tôdas têm misericórdias, nas quais se gasta também muito dinheiro; mas esta de Pernambuco se faz com mais excesso.

**Alviano**: Não é pequeno argumento êsse para por êle se poder considerar a muita riqueza do Brasil; e pois tendes dito o que basta da primeira condição delas, que quizestes atribuir a tôda a província, passemos à segunda que quereis que seja a mercância.

**Brandonio**: Muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercância, pôsto que os que mais se avantajam nela são os mercadores que vêm do reino para êsse efeito, os quais comerciam por dois modos, de que um dêles é que vêm de ida por vinda, e assim depois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprêgo em açúcares, algodões e ainda ambar muito bem e gris, e se tornam para o reino nas mesmas náus, em que vieram ou noutras. O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, colmadas de mercadorias de muito prêço, como são tôda sorte de louçaria, sêdas riquísimas, panos finíssimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande copia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem.

**Alviano**: E êstes mercadores, que estão assistentes na terra com suas lojas abertas, mandam por ventura vir essas fazendas do reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem?
**Brandonio**: Muito as mandam vir do reino, mas a maior parte dêles as compram a outros que as trazem de lá, com lhe darem a quarenta e a cinquenta por cento de avanço a respeito do prêço, por que as compraram, segundo a sorte e a qualidade das mercadorias, ou a falta ou abundância que há delas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menor porte.

**Alviano**: E de que condição são êstes?

**Brandonio**: Há muitas pessoas que vivem sòmente com se fazerem riquíssimas com comprarem estas fazendas aos mercadores assistentes nas vilas ou cidades, e as tomarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas, que estão dali distantes, com ganharem muitas vêzes nelas a mais de cento por cento. E eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negócio, pôsto que o modo dêle não aprovo, pelo ter por ilícito, o qual foi comprar para pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por quantidade de dinheiro e logo no mesma instante, sem lhe entrarem os tais escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador fiados por certo tempo que não chegava a um ano, com mais de 85 por cento de avanço.

**Alviano**: A isso chamam, onde eu nasci, em bom português, onzena; e contudo é causa estranha o haver-se de ganhar tanto dinheiro na própria terra de uma mão para a outra, sem intervir nenhum risco.

**Brandonio**: Pois assim passa. É tanto isto assim, que desta sorte de mercadores, e dos que têm suas lojas abertas, há muitos que têm grossas fazendas de engenho e lavoura na própria terra, e estão nela assistentes e alguns casados.

**Alviano**: Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar dêsse modo na terra alheia.
**Brandonio**: Haveis de saber que o Brasil é praça do mundo, se não fazemos agravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome; e juntamente academia pública, onde se aprende com muita facilidade tôda a polícia, bom modo de falar, honrados tenros de cortezia, saber bem negociar, e outros atributos desta qualidade.

**Alviano**: Antes isso devia de ser pelo contrário; pois sabemos que o Brasil se povoou primeiramente por degredados e gente de mau viver, e pelo conseguinte pouco política; pois bastava carecerem de nobreza para lhes faltar a polícia.

**Brandonio**: Nisso não há dúvida. Mas deveis de saber que êsses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brasil, a poucos lanços, pela largueza da terra deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar. E os filhos dos tais, já entrosados com a mesma riqueza e govêrno da terra despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradíssimos termos, com se ajuntar a isto o haverem vindo depois a êste Estado muitos homens nobilíssimos e fidalgos, os quais casaram nêle, e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se há feito entre todos uma mistura de sangue assás nobre. E então, como nêste Brasil concorrem de tôdas as partes diversas condições de gente a comerciar, e êste comércio o tratam com os naturais da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima ou do bom céu, de que gozam, tomam dos estrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excelente conserva para a seu tempo usarem dela,

**Alviano**: Saber imitar e furtar as habilidades àqueles, que as têm boas, é tomar a clava das mãos a Hércules.

**Brandonio**: Assim o fazem os do Brasil, em tanto que os filhos de Lisboa e as das mais partes do Reino vêm a aprender a êle os bons termos, com os quais se fazem diferentes na polícia, que dantes lhes faltava. Mas parece-me que havemos cortado já muito do fio de nossa prática, que era de tratarmos do proveito que a mercância dá neste Brasil aos que dela usam.

**Alviano**: Nem estoutra breve em que nas distraímos deve de desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos Brasilienses; mas, deixando-a de parte, resta que me digais, se no Brasil há mais comércio que para o Reino?

**Brandonio**: Sim, há; parque se faz muito grande para Angola e para o Rio da Prata. A Angola se mandam náus com muitas fazendas, que de lá tomam carregadas de escravos, por que se comutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as náus, que para lá navegam em direção do Reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por ali se achar mais barata, a qual levam a vender à Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita quantidade.

**Alviano**: Isso é quanto ao tocante à Angola; mas para o Rio da Prata folgarei que me digais que modo de negócios se faz.

**Brandonio**: Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas, e caravelas de pouco porte, onde trazem soma grande de patacas de quatro e de oito reais, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quais aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos os Santos e Pernambuco, e comutam as tais cousas por fazendas das sortes que lhes são necessárias, deixando tôda a prata e ouro que trouxeram na terra, donde tornam carregados das tais fazendas a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata. E ainda os moradores assistentes na terra se interessam também nesta navegação com não pequena utilidade, e dos tais peruleiros se deixam também ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram açúcares, ou o levam consigo para Portugal.

**Alviano**: Não é mau o comércio de que se colhe por fruto ouro e prata; mas tôda essa mercância, de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumir em mão dos estrangeiros, e dos tais é o proveito, e não dos naturais da terra.

**Brandonio**: Assim passa pela maior parte; porque os naturais da terra se ocupam no grangeamento dos seus engenhos e no beneficio de suas lavouras, sem quererem tratar de mercâncias, pôsto que alguns o fazem, contentando-se sòmente de navegar os seus açúcares para o Reino, e mandar de lá vir o provimento que lhes é necessário para suas fazendas, deixando, no de mais, a porta aberta aos mercadores que exercitam seu negócio com grande utilidade; em tanto que, por excelência, contarei uma cousa como testemunha de vista. No ano de 92 veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, quantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costuma trazer, em que meteu de cabedal setecentos e trinta mil réis, por conta de carregação, que eu vi. Esse homem esteve seis meses na terra, nos quais vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fêz dela perto de sete mil cruzados, que empregou em açúcar branco excelente, comprado a seiscentos e cinquenta reis a arroba, nos quais açúcares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino.

**Alviano**: Terra, donde tanto proveito tiram os que nela negoceiam, confesso que não pode deixar de ser muito rica.

**Brandonio**: Sabeis em quanto é rica que só com uma cousa vos representarei sua riqueza, a qual é que há um homem nobre particular neste Brasil, morador na capitania da Paraíba, o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer açúcar, ousou prometer a tôdas as pessoas que fizessem casas na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a vinte mil réis por cada morada de casas, e a dez mil réis, se fossem terreas; e assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver aumentar a cidade. E tratou mais (com sair com isso) de fazer a casa de Santa Misericórdia da própria cidade, cousa de grandíssimo custo pela grandeza e nobreza do edifício do templo, que tem já quase acabado; e assim, com êste exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa, com que os moradores dêste Estado se fazem ricos, com tirarem dela muito proveito, que é o páu do Brasil.

**Alviano**: Assim vos peço que o façais.